



PPGDR – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional  
FIDENE-UNIJUI

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 12/11/2021 a 18/11/2021

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor Titular do PPGDR da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA (FIDENE/UNIJUI).

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

	GRÃO SOJA (US\$/bushel)	FARELO SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
<b>12/11/2021</b>	12,34	362,10	58,97	8,17	5,77
<b>15/11/2021</b>	12,57	371,70	58,20	8,26	5,76
<b>16/11/2021</b>	12,51	367,50	59,17	8,10	5,71
<b>17/11/2021</b>	12,77	374,70	59,23	8,22	5,75
<b>18/11/2021</b>	12,65	370,40	59,17	8,20	5,73
<b>Média</b>	<b>12,57</b>	<b>369,28</b>	<b>58,95</b>	<b>8,19</b>	<b>5,74</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

**Médias semanais (compra e venda)  
no mercado físico brasileiro - em  
praças selecionadas (em R\$/Saco)**

SOJA		
RS – Panambi	154,00	
RS – Não Me Toque	155,00	
RS – Londrina	154,00	
PR – Cascavel	153,00	
MT – C.N.Parecis	144,00	
MS – Maracaju	150,00	
GO - Rio Verde	150,00	
BA – L.E.Magalhães	155,00	
MILHO(**)		
Porto de Santos	78,00	CIF
Porto de Paranaguá	85,00	CIF
Porto de Rio Grande	S/C	
RS – Panambi	82,00	
SC – Rio do Sul	83,00	
PR – Cascavel	77,00	
PR – Londrina	76,00	
MT – C.N.Parecis	71,00	
MS – Maracaju	70,00	
SP – Itapetininga	77,00	
SP – Campinas	81,00	CIF
GO – Rio Verde	72,00	
GO – Jataí	72,00	
TRIGO (**)		
RS – Panambi	81,00	
RS – Não Me Toque	81,00	
PR – Londrina	88,00	
PR – Cascavel	88,00	

Período: 17/11/2021

S/C=Sem Cotação.

(\*) Valor de compra.

(\*\*)Preços em reais/saco.

Fonte: CEEMA cf. Notícias Agrícolas

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do  
Sul – 18/11/2021**

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	81,83	154,77	81,80

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER.

### Preços de outros produtos no RS

**Média semanal dos preços recebidos  
pelos produtores do Rio Grande do Sul –  
18/11/2021**

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	65,85
Feijão (saco 60 Kg)	247,50
Sorgo (saco 60 Kg)	63,00
Suíno tipo carne (Kg vivo)	5,98
Leite (litro) cota-consumo (valor líquido)	2,17**
Boi gordo (Kg vivo)*	9,83

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

(\*\*) Ref. Outubro/21 - média cf. Cepea/Esalq

ND= Não Disponível

Fonte: CEEMA, com base em informações da

EMATER.

## MERCADO DA SOJA

A cotação da soja, para o primeiro mês cotado, subiu bem durante a semana, fechando a quinta-feira (18) em US\$ 12,65/bushel, contra US\$ 12,12 uma semana antes. Dentre os motivos está o reflexo do relatório do USDA, divulgado ainda no dia 09/11, embora o mesmo não tenha demonstrado grandes motivos altistas, assim como uma retomada nas importações chinesas e, sobretudo, a projeção de redução na futura produção da Argentina. Esse último caso levou, já há alguns dias, as cotações do farelo em Chicago a dispararem, pois o vizinho país é o principal exportador mundial deste subproduto da soja. Somou-se a isso uma maior demanda nos EUA pelo farelo de soja local. De fato, desde o dia 12 de outubro o farelo viu sua cotação subir 19,8%, atingindo um nível que não era visto desde o início de julho passado (US\$ 374,70/tonelada curta no dia 17/11). Este comportamento puxa os preços do grão de soja em Chicago, enquanto o óleo se mantém firme, apesar de ter recuado para níveis ao redor de 59 centavos de dólar por libra-peso.

Neste contexto, destaque ainda para o avanço na colheita da soja nos EUA. Até o dia 14/11 a mesma atingia a 92% da área total, contra 93% na média histórica. Por sua vez, em termos de exportações, na semana encerrada em 11/11, os EUA embarcaram 2,07 milhões de toneladas, com o volume ficando dentro das projeções do mercado. Em todo o ano comercial atual o total exportado alcança 16,2 milhões de toneladas.

Já no Brasil, os preços médios da soja voltaram a recuar nesta semana, com o balcão gaúcho fechando a semana em R\$ 154,77/saco. Mesmo com as altas em Chicago, pesou sobre os preços internos a revalorização do Real, com a moeda atingindo, em alguns momentos da semana, níveis de R\$ 5,48 por dólar. Além disso, os prêmios nos portos são mais baixos no momento, com Paranaguá (PR) trabalhando novembro a US\$ 1,30/bushel e março/22 a US\$ 0,40. Nas demais praças nacionais os preços da soja oscilaram entre R\$ 150,00 e R\$ 155,00/saco.

Quanto ao plantio da nova safra no Brasil, até o dia 15/11 o mesmo atingia a 78% da área esperada, contra 63% na média histórica. O Estado de Mato Grosso lidera o ritmo de plantio com 99,5% da área plantada, seguido do Mato Grosso do Sul com 96,7% e pelo Paraná com 95,2% já semeado. (Cf. Pátria Agronegócios)

No Rio Grande do Sul, onde se espera uma área recorde de 6,32 milhões de hectares, o plantio atingia a 29% da mesma até o dia 11/11, porém, a falta de chuvas consistentes em novembro, em muitas regiões do Estado, coloca o avanço do mesmo em compasso de espera nestes últimos dias. Inclusive já há preocupações em relação às lavouras semeadas, as quais precisam de mais umidade para se desenvolverem adequadamente. (cf. Emater)

Enfim, estimativa do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) prevê que a área de produção de grãos na região do MATOPIBA, no bioma Cerrado, aumente em 1,1 milhão de hectares até 2030. Com esse cenário, o desafio é fazer com que essa expansão aconteça de maneira responsável. Para aprofundar o conhecimento sobre a dinâmica da expansão de soja na região e contribuir para o uso mais eficiente da terra, a Fundação Solidaridad lança o estudo Potencial regional da expansão da soja no MATOPIBA. A publicação revela um conjunto de 49 municípios

que pode absorver 67% do aumento previsto na produção, conservando as áreas de vegetação nativa.

O estudo aponta que o MATOPIBA possui 6,6 milhões de hectares de áreas de pastagem com aptidão agrícola, sendo 4 milhões de hectares de pastagens degradadas. Há ainda 4,6 milhões de hectares de Excedente de Reserva Legal (ERL) em áreas com aptidão agrícola. Áreas contínuas com pelo menos 100 hectares de extensão são mais viáveis para a expansão da soja e, segundo a publicação, correspondem a 3,2 milhões de hectares nas áreas de pastagem apta e a 4 milhões de hectares do ERL com aptidão agrícola.

## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho, em Chicago, subiram um pouco mais nesta semana, com o fechamento do primeiro mês ficando em US\$ 5,73/bushel no dia 18/11, contra US\$ 5,69 uma semana antes.

Dito isso, a colheita de milho nos EUA, até o dia 14/11, atingia a 91% da área esperada, contra a média de 86% para esta época do ano. Enquanto isso, os embarques estadunidenses do cereal chegaram a 856.000 toneladas na semana encerrada em 11/11, com os mesmos superando as expectativas do mercado. No total do ano comercial atual os EUA embarcaram ao redor de 7 milhões de toneladas.

Já no Brasil, os preços do cereal cederam um pouco, com o balcão gaúcho fechando a semana na média de R\$ 81,83/saco, enquanto nas demais praças nacionais os preços giraram entre R\$ 70,00 e R\$ 83,00/saco. No geral, os compradores continuam bastante afastados do mercado, enquanto muitos produtores precisam fazer caixa e pressionam para vendas. Além disso, há a necessidade de abrir espaço nos armazéns para a nova safra de verão. Soma-se a isso exportações bem menores e a possibilidade de uma safra de verão normal, embora os problemas de falta de chuva que começam a surgir no sul do país. Enfim, estariam restando apenas mais quatro semanas de atividades para as grandes indústrias de rações no Brasil, antes do encerramento das atividades visando manutenção e limpeza dos silos no final do ano.

Por sua vez, na B3, o pregão da quinta-feira (18) abriu com o contrato janeiro valendo R\$ 84,59/saco; março a R\$ 85,48; maio em R\$ 82,60; e julho/22 cotado a R\$ 81,00/saco.

Enquanto isso, no Rio Grande do Sul, até o início da presente semana o plantio do milho atingia cerca de 85% de uma área total esperada em 835.000 hectares. A falta de chuvas consistentes, em novembro, preocupa o mercado local. Do total semeado até então, cerca de 5% estavam na fase de enchimento de grãos, porém, muitas lavouras já dão sinais de estresse hídrico. (cf. Emater) A redução das chuvas já atinge igualmente Santa Catarina, Paraná e São Paulo. De forma geral, 85% da área de milho de verão, no Centro-Sul brasileiro, já estava semeada até o dia 11/11, contra 82% na mesma época do ano passado.

Especificamente no Paraná, segundo o Deral, o plantio local do milho de verão estaria encerrado, com 7% das lavouras entrando em floração, 92% em descanso vegetativo e o 1% restante ainda em germinação. Apenas 5% das áreas estão com condição avaliada como média e os 95% restantes são boas. A área total prevista no Estado é de 420.128 hectares, com uma produção total estimada em 4,1 milhões de toneladas a partir de uma produtividade média esperada de 166 sacos por hectare.

Já no Mato Grosso do Sul, segundo a Famasul, na primeira quinzena de novembro houve novo recuo nos preços médios locais, com o saco do produto passando a R\$ 71,50. Na comparação anual, o Mato Grosso do Sul registrou valorização de 3,7% entre o preço médio de novembro/21, que está em R\$ 73,29/saco, e o valor médio de novembro/20, que foi de R\$ 70,70/saco. Neste Estado os produtores já haviam negociado 75% de toda a safrinha passada de milho.

Quanto às exportações brasileiras de milho, o país atingiu, nas duas primeiras semanas de novembro, um total de 1,08 milhão de toneladas. Mesmo assim, o volume é apenas 22,7% do total exportado em novembro de 2020. A média diária atual está 43,2% abaixo da média diária de novembro do ano passado. O preço da tonelada exportada, todavia, registra alta de 19% sobre igual período do ano anterior, com a mesma passando de US\$ 178,40 no ano passado para US\$ 212,30 neste mês. De janeiro a outubro o Brasil exportou 14,6 milhões de toneladas, ou seja, 41,2% a menos do que no mesmo período do ano passado.

Por outro lado, em termos de importação, nas duas primeiras semanas de novembro o país comprou no exterior um total de 278.611 toneladas, tendo já recebido 33% a mais do que o total importado em novembro de 2020. Com isso, a média diária de importação de milho aumentou 232,7% neste mês de novembro, em relação há um ano. O preço da tonelada importada, por sua vez, saltou 71,9% no período, passando de US\$ 142,80 para US\$ 245,50. Assim, nos primeiros 10 meses do corrente ano o Brasil já importou 2,14 milhões de toneladas de milho, ou seja, 133% acima do realizado no ano anterior no mesmo período. (cf. Secex)

## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo se consolidaram acima de US\$ 8,00/bushel na corrente semana, chegando a atingir US\$ 8,26 no dia 15/11. Este valor não era visto em Chicago, para o trigo, considerando o primeiro mês cotado, desde dezembro de 2012, ou seja, a quase nove anos. O fechamento da quinta-feira (18) acabou ficando em US\$ 8,20/bushel, contra US\$ 8,12 uma semana antes.

Em paralelo, o plantio do trigo de inverno nos EUA, até o dia 14/11, atingia a 94% da área esperada, ficando dentro da média histórica. Deste total, 81% já havia emergido, enquanto 46% das lavouras apresentavam condições entre boas a excelentes, outras 34% estavam regulares, e 20% entre ruins a muito ruins.

Quanto às exportações estadunidenses, na semana encerrada em 11/11 as mesmas atingiram a 389.000 toneladas de trigo, superando as expectativas do mercado. Com

esse volume, o total embarcado do cereal chega a 10,3 milhões de toneladas no atual ano comercial.

Aqui no Brasil, os preços do trigo se mantiveram estáveis, com a média gaúcha fechando a semana em R\$ 81,80/saco, enquanto no Paraná os preços ficaram em R\$ 88,00.

Dito isso, com o Rio Grande do Sul atingindo cerca de 80% da área já colhida, graças ao clima seco que impera em boa parte da região produtora local, a colheita do cereal se aproxima do fim no país. Todavia, as estimativas de produção estão sendo constantemente reduzidas devido aos problemas climáticos enfrentados durante a safra. A Conab, por exemplo, passou a produtividade média para 2.832 quilos/hectare (47,2 sacos/hectare), com recuo de 6,4% sobre o relatório anterior, embora ainda 6% acima do ano 2020, o qual foi relativamente frustrado. Em termos totais, o órgão oficial estima, agora, uma safra de 7,7 milhões de toneladas, com 3,16 milhões no Paraná e 3,5 milhões de toneladas no Rio Grande do Sul. Santa Catarina alcançaria 332.700 toneladas. No entanto, a maioria dos analistas privados nacionais não acredita que o Brasil chegará a esse volume de produção, confirmando nossos alertas anteriores. A quebra de safra tende a ser maior devido as diferentes intempéries ocorridas durante o desenvolvimento da planta no sul do país. Um número mais próximo de 7 milhões de toneladas (e mesmo um pouco menos) parece ser bem mais plausível, sem considerar ainda as perdas na qualidade do grão em diferentes regiões.

Neste contexto, os estoques de passagem tendem a ser bastante reduzidos, dependendo do volume importado. Com isso, os preços não devem baixar muito em relação ao que se tem no momento, pois daqui em diante não haverá mais pressão de colheita. Ao mesmo tempo, é possível que ainda ocorram revisões para baixo na safra final brasileira do cereal, podendo até mesmo surpreender o mercado. Assim, na virada do ano é provável que os preços voltem a subir junto aos produtores nacionais de trigo, especialmente agora que as cotações internacionais estão batendo recordes de alta.

Esta realidade indica que a farinha de trigo tende a subir de preço no país nos próximos meses. Afinal, os moinhos estariam trabalhando com margens apertadas já que o preço do produto subiu, em média, 25% neste ano, enquanto os moinhos conseguiram repassar somente metade deste aumento aos consumidores finais. Segundo representantes gaúchos do setor, a defasagem de preço, hoje, estaria entre 20% a 25%. No Paraná, fala-se de uma defasagem entre 10% a 15%. Neste Estado os moinhos compravam trigo a R\$ 950,00/tonelada no início de 2020 e, atualmente, estão pagando R\$ 1.700,00. Devido a quebra da safra atual, em volume e qualidade, o Paraná terá que importar trigo do Rio Grande do Sul, Paraguai e Argentina, já que o Estado processa entre 3,6 a 3,7 milhões de toneladas por ano. (cf. Globo Rural)

Enfim, a empresa de biotecnologia Bioceres afirmou que o seu trigo transgênico “ainda não entrará na fase comercial” no Brasil, apesar da liberação recebida essa semana. De fato, na quinta-feira (11/11), a CTNBio (Comissão Nacional de Biossegurança) aprovou a utilização da farinha do trigo transgênico HB4 – que chega ao Brasil pela TMG (Tropical Melhoramento Genético). Entretanto, “independentemente da aprovação do Brasil, a Bioceres continuará gerenciando a produção de sementes e grãos de trigo HB4 dentro do programa de identidade preservada que foi utilizado nas duas últimas campanhas na Argentina. Tanto a semente quanto o grão produzido são 100%

propriedade da Bioceres”. Antes da comercialização, explica a empresa, é preciso atender a outros requisitos, tais como o de obter aprovação nos principais destinos de exportação que representam mais de 5% do total das exportações em média nos últimos seis anos. Além disso, os fabricantes querem disponibilizar um método de detecção de baixo custo com uma sensibilidade de + 1%. A Bioceres garante que está sendo desenvolvido um sistema de captura de valor e canal de identidade preservado, bem como o estabelecimento de um sistema de extensão e educação. Eles ressaltam que continuarão trabalhando no aspecto regulatório. O maior temor das operadoras de mercado, hoje, é que haja contaminação dos embarques de grãos com material transgênico, causando sanções comerciais. A Bioceres assegura que continuará a “implementar os protocolos de manejo e biossegurança, auditando os processos de semeadura, colheita, armazenamento e transporte”. (cf. Agrolink) Vamos ver na prática o que realmente irá acontecer em relação a tudo isso, e como o mercado global irá se posicionar a respeito.